

Mundos do Trabalho infantil: Registros de uma fotógrafa imigrante

Worlds of child labor: registers from an immigrant photographer

Maria Clara Lysakowski Hallal,¹UFPEL

Taiane Mendes Taborda,² UFPEL

Resumo

Este artigo tem por objetivo investigar como Hildegard Rosenthal - uma fotógrafa imigrante - capturou um grupo específico de habitantes/ocupantes da cidade de São Paulo em 1940: os jovens trabalhadores que exerciam suas atividades na urbe paulistana. Para isso, utilizamos três fotografias e para a análise ser efetiva, empregamos um método baseado em duas etapas, sendo a primeira: "Processos técnicos fotográficos", e o segundo momento: "Processos interpretativos fotográficos". Como conclusões, compreendemos que os registros da fotógrafa nos auxiliam a compreender os mundos do trabalho da década de 1940 e, além disso, nos provoca incômodos e faz refletir sobre a situação específica desse grupo retratado - jovens, maioria não brancos, de classe baixa, que exerciam suas atividades remuneradas de maneira informal, sem mecanismos de seguridade social.

Palavras-chave: Mundos do trabalho infantil; Fotografias; Hildegard Rosenthal.

Abstract

This article aims to investigate how Hildegard Rosenthal - an immigrant photographer - captured a specific group of inhabitants/occupants of the city of São Paulo in 1940: the young workers who carried out their activities in the city of São Paulo. For this, we used three photographs and for the analysis to be effective, we employed a method based on two stages, being the first: "Photographic technical processes", and the second: "Photographic interpretative processes". As conclusions, we understand that the photographer's records help us to understand the world of work in the 1940s and, moreover, it makes us uncomfortable and makes us reflect about the specific situation of this portrayed group - young people, mostly non-white, from a lower class, who performed their remunerated activities in an informal way, without social security mechanisms

Keywords: Worlds of child labor; Photographs; Hildegard Rosenthal.

Introdução

¹ Possui graduação em História Bacharelado pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG (2010). Licenciatura em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2022). Especialização em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS (2016). Mestra em História pela UFPEL (2014). Atualmente é Doutoranda em História pelo PPGH – UFPEL, com financiamento CAPES. É pesquisadora do Laboratório de Política e Imagem (LAPI UFPEL). Tem interesse em estudos sobre cultura visual, cidades, gênero e processos migratórios. E-mail para contato: clarahallal@hotmail.com

² Possui graduação em História Licenciatura Plena pela Universidade Federal de Pelotas - UFPEL (2006). Especialização em Gestão Escolar pela Universidade Castelo Branco (2008) e Mestrado em História pela UFPEL (2012) na área de concentração em Fronteiras e Identidades. Atualmente é Doutoranda em História pelo PPGH - UFPEL e professora de Ensino Fundamental e Médio. E-mail para contato: taianemt@gmail.com

Pensar os mundos do trabalho e dos(as) trabalhadores(as) em 1940 sob a perspectiva de uma fotógrafa imigrante – Hildegard Rosenthal - é o tema deste artigo. Para tanto, procuramos situar as experiências de trabalho infantil, em uma perspectiva Thompsiana (1981), selecionadas pelas lentes da fotógrafa. Entendemos que pensar os mundos do trabalho inclui os modos de ver das camadas sobrepostas de uma cidade, isto é, como os diferentes sujeitos se estabelecem, relacionam-se e exercem atividades produtivas dentro daquela urbe.

Portanto, este artigo objetiva investigar o olhar de uma fotógrafa imigrante – Hildegard Rosenthal – para um grupo específico de habitantes/ocupantes da cidade de São Paulo em 1940: os pequenos/jovens trabalhadores que ocupavam a urbe paulistana. Faz-se necessário, primeiramente, entender a trajetória de Hildegard Rosenthal e sua importância para o cenário fotográfico brasileiro do período. Após, discutiremos a questão do trabalho infantil e, por último, apresentaremos e analisaremos as fontes: três fotografias de jovens trabalhadores, todos do sexo masculino.

Hildegard Rosenthal: trajetórias e percursos

Para situar Hildegard Baum Rosenthal, apresentamos sua trajetória. Ela nasceu na Suíça, em 1913, na cidade de Zurique, mas logo sua família foi para a Alemanha. Em Frankfurt, ao longo de sua juventude, fez cursos de fotografia e técnicas de revelação fotográfica. Sua juventude foi marcado por contexto histórico envolvendo a República de Weimar, que foi um período após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), que durou de 1918 até o início do regime nazista, em 1933. Momento em que a Alemanha passou por períodos de turbulência política, mas, também, especialmente entre 1923-1928, o país viveu um momento de estabilidade política e econômica, refletindo em novas iniciativas nas artes e cultura alemã (FIOCHI, 2020).

Essas novas iniciativas refletiram em vários aspectos dentro da cultura alemã, mas, nas artes, especialmente, as fotografias tiveram mudanças profundas em suas técnicas. A partir de então, foram utilizados nas imagens, novos ângulos, novos temas (como registrar o dia a dia das pessoas), planos oblíquos e utilização de distorção e novas perspectivas imagéticas (FABRIS, 2011).

Nesse cenário, Hildegard Rosenthal se aprofundou em fotografar e permaneceu na Alemanha até 1933, momento que se muda para Paris a fim de estudar Pedagogia. No novo país e cidade, a fotógrafa conhece aquele que seria o seu marido, o Walter Rosenthal. O casal permanece na França até 1934, quando, por questões de trabalho, retornam à Alemanha. No ano seguinte, Hildegard foi contratada como fotógrafa pela agência jornalística *Rhein*

Manischer Bildverlag, ocasião em que executou trabalhos de fotografias e matérias para a imprensa, permanecendo no cargo até o início de 1936. Sobre esse breve período de volta ao país, Rosenthal comenta: “Mas nós voltamos, infelizmente, outra vez, para a Alemanha. E depois tínhamos que fugir de lá” (ROSENTHAL, 1981).

A fuga que Rosenthal comenta e o retorno à Paris, em 1936, se deve porque Walter era de ascendência judaica, e, com a ascensão de Hitler ao poder, em 1933, com o advento do totalitarismo na Alemanha e a consolidação do III Reich, a perseguição contra esse grupo aumentou consideravelmente. Ainda em 1936, com o avanço das políticas antissemitas³ na Alemanha, Walter resolveu acompanhar sua família (seu irmão Hans Rosenthal e seus pais) para o Brasil, a fim de adquirem terras em Rolândia, Paraná⁴ (DINES, 2018).

Enquanto Walter emigrou para o Brasil, Hildegard Rosenthal permaneceu em Paris por mais um ano, trabalhando como *au pair* na casa dos artistas Marc Swarc, pintor, e da sua esposa, Eugenia Markov, escritora. Em tal local, conheceu artistas e recebeu uma recomendação para se encontrar no Brasil com Lasar Segall, pintor judeu que havia emigrado para o país há alguns anos. Esse encontro auxiliaria a fotógrafa a se estabelecer no Brasil futuramente, e especialmente ingressar no mundo de artistas e exposições – momento em que ela adentrou nesse cenário e registrou esses trabalhos.

Em 1937, Hildegard Rosenthal chega ao Brasil e ela e Walter se casam. Em seguida, estabelecida em São Paulo, Hildegard Rosenthal trabalha em empresas de revelação de fotografias, até virar sócia de uma nova empresa, a *Press Information*, que enviava reportagens e fotografias do Brasil para outros países. Permaneceu no local até por volta de 1950, momento em que nasce a sua primeira filha e a fotógrafa passa a dedicar-se a imagens do universo infantil. Porém, em 1970 foi redescoberta e teve os seus trabalhos relançados e expostos em mostras pelo Brasil e exterior. A fotógrafa faleceu em 1990, mas seus últimos 15 anos de vida foram dedicados a esse processo de expor seus trabalhos.

Enquanto Hildegard Rosenthal desenvolvia suas atividades no Brasil e em especial, em São Paulo, o país estava no período denominado Estado Novo (1937-1945), momento do terceiro governo da Era Vargas⁵, e ações antidemocráticas foram feitas, como o fechamento

³ Episódios que marcam as perseguições contra os judeus (entre 1933 -1936), especialmente na Alemanha: 1933: queima dos livros e prisão de intelectuais judeus; instalação da Câmara de Cultura do Reich; 1935: Leis de Nuremberg; judeus proibidos de exercer qualquer tipo de profissão e ocupar cargos públicos; proibição de casamentos e relações sexuais entre alemães arianos e judeus.

⁴ Rolândia é um local que foi colonizado na década de 1930 por imigrantes alemães, sendo ocupado, aproximadamente, por 400 famílias, entre as quais 80 eram de origem judaica. Além disso, o local ficou conhecido por abrigar judeus fugidos da ascensão dos regimes totalitários e da Segunda Guerra Mundial.

⁵ As fases da Era Vargas: Governo Provisório (1930-1934) do Governo Constitucional (1934-1937) e Estado Novo (1937-1945).

do Congresso Nacional, das Assembleias Estaduais e das Câmaras Municipais. O período foi reconhecido como ditatorial, mas, ao mesmo tempo, era necessário manter a população satisfeita. Para isso, avançou o nacionalismo brasileiro, junto à projeção do Brasil e da cultura nacional (GOMES, 1994).

Era parte importante desse projeto a incorporação da classe trabalhadora ao contexto institucional do país. Nesse sentido, a carta constitucional de 1934 iconizava a direção do governo Vargas, que apresentava diretrizes relevantes de regulação das relações de trabalho formal, conforme afirma Biavaschi:

No período de 1930 a 1942, além de uma normalização dirigida à seguridade social e aos acidentes de trabalho, verificaram-se: um pujante processo de institucionalização de regras de proteção ao trabalho – dirigidas à nacionalização do trabalho, às mulheres, aos menores, aos comerciantes, aos industriários, aos marítimos, aos mineiros, aos ferroviários, aos bancários, às estabilidades, ao salário mínimo; [...] (BIAVASCHI, 2005, p. 122).

Ainda, para a (o) fotógrafa (o) trabalhar em pleno Estado Novo, especialmente nas ruas do Brasil, era necessário um salvo conduto, assinado pelo diretor do DIP. O instrumento, na verdade, nas palavras de Ana Maria Mauad, “era um órgão censor e repressor de atividades culturais no Brasil [...]” (MAUAD, 2020, versão para Kindle, posição 20). Mas, ainda assim, foi nesses órgãos institucionais que a fotografia passou a ser valorizada. A partir de então, fotógrafos estrangeiros foram contratados para a nova função, como os já citados Jean Manzon (1915-1990), que chegou ao Brasil em 1940, e Marcel Gautherot (1910-1996), que desembarcou no país em 1939 (COELHO, 2006).

A fotógrafa em questão – Hildegard Rosenthal – não foi contratada pelo governo varguista. Contudo, as consequências daquele governo – como a censura, necessidade do salvo conduto, e mais tarde os resultados decorrentes da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, em 1941, influenciaram no fotografar da profissional. Fato elucidado na sua entrevista quando comenta que: “Durante o governo de Vargas eu tive dificuldade, sim. Precisava de autorização para trabalhar nas ruas” (ROSENTHAL, 1981). Nesse contexto, o governo impôs as restrições impostas pelos imigrantes/cidadãos dos países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) que moravam no Brasil, que, dentre outras, proibia que se falassem língua em público que não o português, associações e clubes tiveram de mudar de nome e modificar ou encerrar suas atividades ligadas a suas culturas de origem, dentre outras. Em relação a essa situação, Hildegard Rosenthal elucidada que, depois da guerra, sua maior dificuldade era em relação ao material (ROSENTHAL, 1981).

Portanto, a fotógrafa teve suas dificuldades durante o período varguista, contudo, não podemos esquecer que, as décadas de 1930 e 1940, foram, especialmente, um período rico para o circuito das artes em São Paulo. Enquanto a cidade se desenvolvia e se modernizava, oriunda da instalação das fábricas e crescimento da urbanização, criou-se novas linguagens fotográficas, e muito deve-se ao grupo de fotógrafas(fotógrafos) imigrantes que trouxeram para o Brasil suas técnicas. Sendo essas oriundas, em muitos casos, de novos equipamentos - compactos, ágeis, sem tripé - o grande formato ficou para trás -, podia-se criar registros mais rápidos. Criou-se dessa forma, uma nova linguagem sobre as pessoas da cidade, tirava-se fotografias do dia a dia, sem necessidade de poses ou grandes esperas durante o ato de fotografar.

Portanto, Hildegard Rosenthal, ainda que não fosse contratada pelo Estado, agiu independentemente ou, por meio da agência de notícias que trabalhava, fazendo parte desse novo grupo de profissionais que registrou o Brasil, especialmente de São Paulo e os novos atores sociais da urbe, produzindo uma documentação da cidade. Para o momento, estabelecemos o olhar da fotógrafa para os pequenos/jovens trabalhadores que ocupavam a urbe paulistana na década de 1940.

Situação da criança e jovem no Brasil - anos 1940

O trabalho infantil é um tema discutido na atualidade: no ano de 2019, já havia mais de 1,7 milhões de crianças e adolescentes sob essa condição⁶. Em todo o mundo, o número de jovens que trabalham já chegou a 160 milhões nos tempos atuais, e houve um aumento⁷ de 8,4 milhões de meninas e meninos nessa situação⁸. De acordo com Lombardi:

O uso do trabalho infantil continua, portanto, a ser uma prática usual na atualidade, sendo motivo de preocupação da UNICEF (um Fundo das Nações Unidas específico para a Infância), criado em 1946 como uma agência da ONU (Organização das Nações Unidas) para promover a defesa dos direitos das crianças, prestar ajuda para o atendimento de suas necessidades básicas e contribuir para o seu pleno desenvolvimento. Para esta agência o trabalho infantil é definido como toda forma de trabalho abaixo dos 12 anos de idade, em quaisquer atividades econômicas; qualquer trabalho entre 12 e 14 anos que não seja trabalho leve; todo o tipo de trabalho abaixo dos 18 anos enquadrado pela OIT nas "piores formas de trabalho infantil" (LOMBARDI, 2010, p. 137).

⁶<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/trabalho-infantil-aumenta-pela-primeira-vez-em-duas-decadas-e-atinge-um-total-de-160-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-no-mundo> Acesso em: 20/10/2021

⁷ O aumento se refere entre 2016 a 2020.

⁸<https://data.unicef.org/resources/child-labour-2020-global-estimates-trends-and-the-road-forward/> Acesso em: 20/10/2021

Em 1940, período do recorte temporal deste trabalho, o total da população do estado de São Paulo era de 5.845.111. E desse quantitativo, o grupo com idades de 10 a 19 anos, 761.345 eram meninos, e 767.565 meninas⁹. Na região metropolitana de São Paulo, a população era de aproximadamente 1,5 milhões e desse número, cerca de 85% vivia na capital. Em relação à população infantil, existia um discurso oficial que envolvia a importância da escola, entrelaçada com discussões sobre a saúde infantil (KUHLMANN JR, 2004).

A situação da criança brasileira, de forma geral, a partir dos anos 1920 até 1940, era vista sob duas óticas: o menor¹⁰ era o termo utilizado para a criança descuidada, que possuíam, conforme Irma Rizzini

Uma infinidade de características negativas [da família], tem a sua conduta marcada pela amoralidade e pela falta de decoro, sua linguagem é de baixo calão, sua aparência é descuidada, tem muitas doenças e pouca instrução, trabalha nas ruas para sobreviver e anda em bandos com companhias suspeitas (RIZZINI, 1993, p. 96).

Já para as crianças de famílias de classe média e alta, o cuidado era resguardado, inclusive sua infância e o direito de estudar. Em relação às leis trabalhistas para as (os) jovens, em 1927 foi criado um código específico sobre os menores que proibiu o trabalho antes dos 12 anos, inclusive para jovem aprendiz (LOPES, 2019).

Em 1923, foi criado outro Decreto¹¹, dentre outras coisas, criou a carteira de trabalho e regulamentou o trabalho juvenil, mas somente em indústrias, não contemplando outras ocupações. A idade mínima para o exercício de atividades passou a ser de 14 anos. Logo, menores entre 14 e 18 anos podiam trabalhar e ter a carteira de trabalho (MATOS, 2019). Esse era o contexto dos mundos do trabalho juvenil em 1940 no Brasil, período que Hildegard Rosenthal retratou meninos, aparentemente com idades entre 10-16 anos, exercendo atividades como carregadores de feira, entregador (venda) de jornais e sapateiro mirins.

As pesquisas que cercam os mundos do trabalho têm, cada vez mais, incorporado em suas análises a categoria de “experiência”, tão bem fundamentada nos estudos do historiador britânico E. P. Thompson (1981, p. 112), para quem “é a experiência (muitas vezes a experiência de classe) que dá cor à cultura, aos valores e ao pensamento [...]”. Desse modo, trabalhadoras e trabalhadores são forjados pelas experiências que advém de suas condições

⁹ Censo demográfico de 1940

¹⁰ Neste trabalho utilizamos a palavra "menor" por opções de semântica.

¹¹ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/antigos/d20910.htm. Acesso em: 02/10/2021.

materiais e é a percepção delas, mais do que exatamente a vivência dessas experiências, que resultaria na consciência de classe.

Para Thompson, através das experiências é possível melhor compreender as mudanças e permanências históricas, bem como reconstituir a história de homens e mulheres reais, comuns. Assim, as investigações históricas inter-relacionam múltiplas evidências que não se submetem passivamente aos questionamentos, mas antes, nas palavras do autor,

[...] esses acontecimentos, se estão dentro do “ser social”, com frequência parecem chocar-se, lançar-se sobre, romper-se contra a consciência social existente. Propõem novos problemas e, acima de tudo, dão origem continuamente à *experiência* – uma categoria que, por mais imperfeita que seja, é indispensável ao historiador, já que compreende a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento (THOMPSON, 1981, p. 15, grifos do autor).

A partir dessa definição são analisadas as imagens produzidas pela fotógrafa compreendendo que elas oportunizam a historicização das experiências de trabalho dos sujeitos fotografados, uma vez que foram escolhidas por ela experiências laborais específicas, as vivências cotidianas de jovens trabalhadores, para registrar a classe trabalhadora paulista em 1940.

Ao fazer essas seleções, Rosenthal fixa a imagem do trabalho infantil em atividades que ainda persistem na vida diária de muitas crianças brasileiras. Igualmente importante é fazer a intersecção com a questão étnica reconhecendo esse elemento de análise como essencial na leitura dessa sociedade, revelada nas fotografias, que impõe principalmente a crianças negras a opressão do trabalho nas ruas. Essas variáveis não podem ser observadas isoladas porque “em dado contexto, são relevantes no posicionamento e na identificação das pessoas, assim como no seu acesso a espaços e recursos” (BIROLI, 2018, p. 34).

A partir dessas reflexões, é preciosa a contribuição de Lopes (2019) ao analisar as fotos 3x4 de jovens trabalhadores constantes em fichas de qualificação profissional. Embora o foco do autor seja o trabalho formal, é possível traçar paralelos na observação das imagens:

Dessa forma, as fotografias dos jovens trabalhadores se tornam indícios importantes à compreensão sobre o trabalho infanto-juvenil nas décadas de 1930 e 1940, já que permitem não apenas dar a ver seus rostos, como também apontam para as condições de trabalho nas quais estavam envolvidos e que nem sempre respeitavam a legislação vigente (LOPES, 2019, p. 349).

Portanto, em relação às fotografias dos jovens trabalhadores que serão analisadas, Hildegard Rosenthal fez um corte transversal daquela sociedade paulistana, e retratou os meninos/jovens trabalhadores da cidade.

Fotografias de jovens trabalhadores da cidade de São Paulo

Hildegard Rosenthal, uma mulher imigrante, fotógrafa, deslocava-se pelo Brasil para fotografar o país e os brasileiros. Em muitos momentos, por encomenda de revistas, jornais ou da agência que trabalhava. Em outras situações, por iniciativa própria, para conhecer a cidade (ROSENTHAL, 1981). As fotografias dos jovens trabalhadores são fruto de uma série de imagens de crianças pela cidade de São Paulo, independentes, que Hildegard Rosenthal realizou na urbe paulistana. Posteriormente, algumas dessas imagens, especialmente, dos carregadores de feira e menino jornaleiro (fotografias 1 e 2) foram publicadas no jornal Estado de São Paulo, em matérias (escritas por jornalistas), em que denunciavam o trabalho infantil. Logo, as fotografias foram encaixadas à posterior nas matérias escritas por contratados pelo jornal.

Para a análise das fontes ser efetiva, dividimos em dois momentos. A primeira etapa é baseada nas questões técnicas das fotografias, sendo denominado “Processos técnicos fotográficos”. Nesse momento, situações como iluminação e plano fotográfico são levados em consideração. O segundo eixo denominado “Processos interpretativos fotográficos”, auxilia a compreendermos as relações entre bibliografia e questões formais dos registros. Portanto, apresentamos a primeira foto em que aparecem dois meninos negros, com caixotes de vime, encarregados de auxiliar os frequentadores das feiras.

Fotografia 1: Carregadores de feira, São Paulo, SP, c. 1940.



Fotógrafa: Hildegard Rosenthal. Acervo: IMS.

Hildegard Rosenthal caminhava por São Paulo, seja com uma encomenda fotográfica para executar, ou simplesmente passeando e usufruindo da cidade, como gostava de fazer (ROSENTHAL, 1981). Por isso, ao analisarmos suas fotografias, é como se a fotógrafa nos convidasse a olhar esses atores sociais de São Paulo. Por conseguinte, a imagem explicitada está na horizontal, e permite que nós, expectadores, compreendamos que os motivos principais são dois meninos, negros, e que exercem a função de carregadores de feira.

De forma geral, havia a necessidade das pessoas, especialmente trabalhadores, utilizarem roupas mais formais, inclusive infantis (CRANE, 2006). No caso dos garotos retratos, a composição dos seus vestuários, nos passa a sensação que o tamanho das roupas são inadequadas para os meninos, parecem maiores do que seus corpos. Ainda há sinais de desgaste e manchas. Assim, devido a suas condições financeiras, o vestuário tem que ser reaproveitado ou usado além do que o tempo permite.

Pelo olhar e posição dos meninos, a fotografia foi simulada. O plano médio permite entendermos o contexto do registro. Era uma feira livre - com algumas barracas dispersas atrás dos garotos, e pessoas - homens, mulheres -, caminhando. Também é possível observar o desenquadramento na fotografia. Aliás, na maioria dos registros da fotógrafa, ocorre essa questão. Como disse Jacques Aumont, o desenquadrar é "desviar o olhar do centro de interesse da cena. Desenquadrar é sempre enquadrar de *outra maneira*" (AUMONT, 2012, p. 164, grifos do autor).

Portanto, ao privilegiar o foco fotográfico nos meninos, mas oportunizando espaço para que o observador entenda toda a composição imagética, Hildegard Rosenthal permite que consigamos compreender o local da feira livre, e o caminhar dos passantes. E ainda, pelos olhares dos garotos, podemos entender que eles estavam observando o público do lugar, para ver os potenciais clientes e estarem à disposição quando fossem chamados.

Os carregadores das feiras, em geral, ficavam em pontos específicos ou circulavam em busca dos fregueses. Dependendo do local em que os consumidores morassem, os pequenos trabalhadores podiam deixar as mercadorias na casa dos compradores (SATO, 2012). O serviço dos garotos era sem vínculo empregatício, mas não eram totalmente livres, isto é, dependiam da boa vontade ou favores dos comerciantes. Podendo haver, inclusive, uma remuneração entre as duas partes (os jovens trabalhadores podiam, em alguns casos, pagar uma pequena contribuição para o feirante, em troca de serem chamados para auxiliar o cliente).

Os motivos que levaram (e ainda levam) os pequenos ajudantes de feira, assim como outras crianças trabalhadoras, a ingressarem tão cedo no mercado de trabalho, ainda que informal, são diversos. Pode ser, nas palavras de Fábio Machado Pinto: "da necessidade de um rendimento maior para as famílias empobrecidas (...) são oferecidas as posições mais inferiores, más condições de trabalho, má remuneração, tarefas desgastantes e longa jornada" (PINTO, 1997, p. 52).

A falta de opção e a necessidade de ajudarem suas famílias, levava (e ainda leva) esses pequenos trabalhadores ao mercado de trabalho. E como a maioria não aparentava ter nem a idade mínima para trabalhar (14 anos) ou mesmo que tivessem, não era fácil conseguir um emprego razoavelmente remunerado, os garotos acabavam exercendo funções nas ruas. E o espaço favorecia para ampliar o leque de opções para conseguirem alguma renda para si e a sua família, mas também que não garantia direitos e segurança.

Importante ressaltar o atravessamento da questão étnica nessa leitura. Os(as) filhos(as) da escravidão, mesmo depois de mais de um século libertos(as) dos grilhões, ainda são jogados(as) às tarefas de mais baixa remuneração e que exigem maior esforço físico. Afinal, “ser negro” é visto historicamente como um fenômeno negativado. Essas percepções são levadas ao âmbito do trabalho, muitas vezes a partir de representações dos negros como predispostos a exercer determinadas funções” (SILVA; SARAIVA, 2020, p. 537).

Nota-se, analisando a imagem, que estamos observando o olhar de Hildegard Rosenthal sobre aqueles meninos ali representados. É uma documentação sobre o trabalho infantil – como uma mulher branca, europeia, viu e observou aqueles garotos negros, em

situação informal de trabalho. Logo, observamos do ponto de vista dos processos interpretativos fotográficos que, a fotógrafa, registrava a geografia humana em constante circulação. As cenas que ela fotografava são resíduos de atores sociais/ da vida daqueles personagens. Portanto, nas palavras da própria Hildegard Rosenthal, “Eu tinha contato direto com a população, meu tema preferido eram as crianças” (ROSENTHAL, 1981).

Ao longo de sua trajetória profissional, o tema crianças/jovens perpetuou-se em seus trabalhos, desde questões como o brincar das meninas/meninos até o trabalho infantil. A próxima fotografia continua no tema do trabalho infantil, agora mostra um pequeno jornalista, ou melhor, entregador de jornal. Esses garotos que entregavam os periódicos, percorriam as cidades – bares, botequins, e estabelecimentos comerciais -, carregando uma sacola com vários exemplares e gritavam as principais notícias do dia. Apresentamos a imagem:

Fotografia 2: Menino jornalista, São Paulo, SP, c. 1940.



Fotógrafa: Hildegard Rosenthal. Acervo: IMS

A fotografia do menino jornaleiro está na vertical e o plano médio permite que se veja a sua sombra (podemos ver até mesmo o reflexo da fotógrafa no balcão do bar) refletida na parede e no vidro atrás de si, indica que era um dia solar. Ainda, pensando sob o ponto de vista interpretativo fotográfico, alguns elementos aparecem na cena: o sorriso do garoto, nos indica sensação de travessura. Sentimento mais evidente ao vermos a meia - em uma perna, está até o joelho e na outra está sem o acessório ou, possivelmente, abaixado. É uma forma de demonstrar, por parte dos envolvidos, que aquele pequeno trabalhador ainda era uma criança.

Na hora do registro, Hildegard Rosenthal estava na mesma altura do menino. E essa facilidade de registrar crianças, também se deve ao próprio porte da fotógrafa. Nas palavras dela: "Eu sou de estatura pequena, eu me visto simplesmente. Eu tenho jeitinho de puxar um papo" (ROSENTHAL, 1981). Logo, retratar o público infantil era fácil para a profissional - podia se abaixar, quando necessário, ou percorrer facilmente os caminhos do trabalho que os garotos faziam.

Compreendemos que o fato de Hildegard Rosenthal ser uma mulher imigrante em busca de raízes, do desejo de entender aquele novo país, a ajudou a ter olhos para os habitantes e, especialmente, para os pequenos trabalhadores da urbe paulistana. Nessa direção, apresentamos a próxima imagem, em que é retratado um menino engraxate.

Fotografia 3: Pequeno engraxate, São Paulo, SP, c. 1940.



Fotógrafa: Hildegard Rosenthal. Acervo: IMS.

Tudo indica que fotografia do pequeno engraxate foi combinada entre os envolvidos, e a horizontalidade da imagem, permite que observemos o garoto, sentado na calçada, no meio do seu ofício. Ainda, podemos ver o paralelepípedo da rua. A fotógrafa se abaixou no momento do registro, logo, o ângulo é o *contre-plongée*.

Outro fator a ser observado, é que trata-se de um menino não branco, o que em níveis de exploração do trabalho, o coloca em uma situação mais difícil. Pois, conforme Flávia Biroli (2016), a exploração não é igual para todos os envolvidos nos processos de trabalho. Assim como as mulheres negras são as que mais sofrem, os homens negros também não usufruem dos benefícios que o patriarcado poderia dar a eles, ainda mais um garoto.

Também se pensava na década de 1940, que quanto mais cedo a criança, especialmente a de classe baixa, pudesse ser inserida no mercado de trabalho, mais estaria comprometida com o seu futuro e da sua família (SANTOS, 2000). Assim, mesmo em crianças com idade inferior à permitida (menores de 14 anos), e exercendo funções de certa forma, perigosas, na rua, sem amparo do Estado, o trabalho era incentivado. Obviamente para os jovens de classe baixa. Com isso, os estudos eram, em muitos casos, negligenciados.

Portanto, no início da década de 1940, as contradições que ainda hoje envolvem o trabalho infantil apresentavam-se nas ruas da cidade de São Paulo. Pois, pensava-se que as crianças e jovens deveriam possuir estudos e serem saudáveis. Contudo, tais recomendações eram aplicadas, com mais rigor, nas classes médias e altas, pois nas classes baixas, o trabalho infantil era tolerado e até mesmo incentivado. Logo, por meio dos registros de Hildegard Rosenthal, pudemos visualizar, entender e discutir o olhar de uma estrangeira para esse grupo específico de trabalhadores - os jovens/crianças que exerciam atividades informais de trabalho.

Considerações Finais

Este artigo objetivou investigar o olhar de uma fotógrafa imigrante – Hildegard Rosenthal – para um grupo específico de habitantes/ocupantes da cidade de São Paulo em 1940: os pequenos/jovens trabalhadores que ocupavam a urbe paulistana. Por meio de três fotografias, apreendemos um recorte da captura da profissional para esses jovens trabalhadores.

Em três fotografias apresentadas, Hildegard Rosenthal retratou um grupo de jovens trabalhadores, todos do sexo masculino. São eles: carregadores de feira, menino jornalista e pequeno engraxate. E desse grupo, apenas o jornalista era um garoto branco. Logo, a

fotógrafa nos mostrou que, ao menos em sua visão, o trabalho infantil mais penoso era dado a meninos negros (entendendo que carregar caixotes na feira e ser engraxate são ofícios mais trabalhosos e exigem mais esforço físico).

Portanto, compreendemos que o olhar de Hildegard Rosenthal para esse grupo específico de habitante da urbe de São Paulo- os jovens trabalhadores - era de uma estrangeira, tentando compreender aquele Brasil composto de contradições - pois, o trabalho infantil sob certos aspectos era incentivado (especialmente de jovens de classe baixa). Logo, a fotógrafa provoca incômodos ao expectador dessas fotografias, e nos faz refletir sobre a situação desse grupo retratado naquele período de 1940.

Fontes

ROSENTHAL, Hildegard. Entrevista realizada com Hildegard Rosenthal. Entrevista concedida a Boris Kossoy e Hand Gunter Flig. **Instituto da Imagem e do Som**, São Paulo, maio, 1981. Disponível em: <http://acervo.mis-sp.org.br/audio/entrevista-de-hildegardrosenthal-parte-14-0#> Acesso em: 04/02/2020.

ROSENTHAL, Hildegard. Carregadores de feira, São Paulo, SP, C. 1940. Acervo: IMS.

ROSENTHAL, Hildegard. Meninos jornaleiro, São Paulo, SP, C. 1940. Acervo: IMS.

ROSENTHAL, Hildegard. Pequeno engraxate, São Paulo, SP, C. 1940. Acervo: IMS.

Referências Bibliográficas

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papyrus, 2012.

BIAVASCHI, Magda. **O Direito do Trabalho no Brasil – 1930-1942**: A construção do sujeito de direitos trabalhistas. Tese (Doutorado em Economia) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

BIROLI, Flávia. Divisão Sexual do Trabalho e Democracia. **DADOS** – Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, vol. 59, no 3, p. 719 - 68, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/kw4kSNvYvMYL6fGJ8KkLcQs/?lang=pt>. Acesso em: 20/10/2021.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades**: os limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Recenseamento geral de 1940**. Rio de Janeiro: IBGE, 1950. v. 2: censo demográfico: população e habitação.

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social**: classe, gênero e identidade das roupas. São Paulo: Editora Senac, 2006

COELHO, Maria Beatriz. O campo da fotografia profissional no Brasil. **Varia hist**. Belo Horizonte, v. 22, n. 35, p.79-99, June 2006, Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752006000100006&lng=en&nrm=iso. Acesso em 20/08/2020

DINES, Yara Schreiber. O autorretrato e o alter ego de Hildegard Rosenthal, em São Paulo/Brasil, duplos diálogos com a fotografia moderna. **Labrys**, études feministes/ estudos feministas. São Paulo, s/v, s/p, Julho/ 2017 - junho 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201700510012>. Acesso em: 15/07/2020

FABRIS, AnnaTeresa. **O desafio do olhar**: fotografias e artes visuais no período das vanguardas históricas, Vol I. São Paulo: Martins Fontes, 2011

FIOCHI, Marco Aurélio. **Cidade, indústria e modernidade na representação fotográfica de Hans Günter Flieg (1940-1960)**. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais). Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10438/29547>. Acesso em: 10/10/2021.

GOMES, Angela de Castro. Ideologia e trabalho no Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (Org). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999, p.53-72.

KUHLMANN JR., Moysés. **Infância e educação infantil**: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 2004.

LOMBARDI, José Claudinei. Trabalho e educação infantil em Marx e Engels. **Revista HISTEDBR** On-line. Campinas, n.39, p. 136-152, 2010. Disponível em: file:///C:/Users/ADIR/Downloads/lcoutinho,+art08_39.pdf ISSN: 1676-2584. Acesso em: 20/06/2022.

LOPES, Aristeu Elisando Machado. Jovens trabalhadores em 3x4: fotografias e história do trabalho no Rio Grande do Sul, 1933-1943. **Varia Historia**. Belo Horizonte, Vol. 35, n. 67, p.345-376, jan/abril 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/wJh3XkvsTwPLkmF5gVSzJB/?lang=pt>. Acesso em: 20/09/2022.

MATOS, Marcelo Badaró. **Trabalhadores e sindicatos no Brasil**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2019.

MAUAD, Ana Maria. Isso não é uma janela: uma fotografia e sua história. In: SCHIAVINATTO, Iara Lis; MENESES, Patrícia. **A imagem como experimento**: debates contemporâneos sobre o olhar (org.). Vitória: Editora Milfontes, 2020. *E-book* (156p.), p.11-22. Disponível em: https://editoramilfontes.com.br/acervo/A_imagem_como_experimento.pdf. Acesso em: 10/06/2022.

PINTO, Fábio Machado. **A universidade e o trabalho infantil**: a produção docente sobre o trabalho infantil na Universidade Federal de Santa Catarina e na Universidade Técnica de Lisboa. Dissertação (Mestrado em Economia e Gestão), Instituto Superior de Economia e Gestão - Universidade Técnica de Lisboa, 1997. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.5/22324>. Acesso em: 10/10/2021

PRIMEIRA lei da Previdência, de 1923, permitia aposentadoria aos 50 anos . **Senado**, 3 jun. 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/primeira-lei-da-previdencia-de-1923-permitia-aposentadoria-aos-50-anos>. Acesso em: 1 ago. 2022.

RIZZINI, Irma. **A assistência à infância no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Ursula, 1993.

SANTOS, Glauber Maciel dos. **Trabalho Infantil no Brasil**. In: MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Proteção Integral para Crianças e Adolescentes, Fiscalização do Trabalho, Saúde e Aprendizagem. Florianópolis: DRT/SC, 2000. p. 07.

SATO, Leny. **Feira livre**: organização, trabalho e sociabilidade. São Paulo: EDUSP, 2012.

SILVA, Matheus Arcelo Fernandes e SARAIVA, Luiz Alex Silva. Relações raciais e histórias de vida: trabalhadores industriais negros em foco. **Organizações & Sociedade** [online]. São Paulo, v. 27, n. 94, p. 532-555, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-9270947>. Acesso em: 10/08/2022.

TRABALHO infantil aumenta pela primeira vez em duas décadas e atinge um total de 160 milhões de crianças e adolescentes no mundo. **UNICEF**, 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/trabalho-infantil-aumenta-pela-primeira-vez-em-duas-decadas-e-atinge-um-total-de-160-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-no-mundo>. Acesso em: 20/10/2021.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.